



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

NILMA NASCIMENTO MACHADO

**VENCENDO OBSTÁCULOS, CONSTRUINDO SONHOS E RESISTÊNCIA:
TRAJETÓRIA DE UMA MULHER RUMO À DOCÊNCIA**

Abaetetuba/2026

NILMA NASCIMENTO MACHADO

**VENCENDO OBSTÁCULOS, CONSTRUINDO SONHOS E RESISTÊNCIA:
TRAJETÓRIA DE UMA MULHER RUMO À DOCÊNCIA**

Memorial Formativo apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal, *Campus* Universitário de Abaetetuba, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras/Língua Portuguesa.

Orientador: Dr. Esequiel Gomes da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

M149v Machado, Nilma Nascimento.

Vencendo obstáculos, construindo sonhos e resistência:
trajetória de uma mulher rumo a docência / Nilma
Nascimento Machado. — 2026.
XII, 12 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Esequiel Gomes da Silva
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2026.

1. Resistência. 2. Trajetória. 3. Mulher. I. Título.

CDD 370



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA**

**ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
EM LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/LINGUA PORTUGUESA**

Aos **26 dias do mês de agosto do ano de 2026**, às **14h**, em sala virtual do Google Meet, aconteceu a apresentação Pública de Trabalho de Conclusão de Curso da discente **NILMA NASCIMENTO MACHADO**, matrícula 202103840023, intitulado **VENCENDO OBSTÁCULOS, CONSTRUINDO SONHOS E RESISTÊNCIA: TRAJETÓRIA DE UMA MULHER RUMO À DOCÊNCIA**, orientado pelo professor **Dr. ESEQUIEL GOMES DA SILVA**, que compôs a banca junto com a professora **DRA. LARISSA SATICO RIBEIRO HIGA**. Após a conclusão da defesa a banca considera o TCC: **APROVADO – CONCEITO EXCELENTE**

Abaetetuba, 26 de agosto de 2026.



Documento assinado digitalmente
ESEQUIEL GOMES DA SILVA
Data: 02/09/2026 11:15:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Esequiel Gomes da Silva
Orientador



Documento assinado digitalmente
LARISSA SATICO RIBEIRO HIGA
Data: 04/09/2026 11:20:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Larissa Satico Ribeiro Higa
Examinadora

PALAVRAS INICIAIS

Meu nome é Nilma Nascimento Machado, nasci na cidade de Belém, em 19 de julho de 1990. Tenho, portanto, 36 anos completos. Sou casada, no religioso. Tenho duas filhas: Iasmin Machado dos Santos, de 20 anos, e Juliane Machado dos Santos, de 15 anos. Sou filha de Maria Catarina Nascimento Machado e Benedito Gonçalves Machado. Meus pais estudaram apenas até a 4ª série.

Nossa vida foi humilde e sofrida. Pouco tempo depois que nasci, meu pai deixou minha mãe com sete filhos para criar sozinha. Para prover nosso sustento, ela trabalhou na roça de farinha, na plantação de arroz, trabalhou como gari, como merendeira na escola, trabalhou no quartel de polícia e na delegacia e na secretaria de obras. Também contou com ajuda de nossas tias.

Mamãe era de religião de matrizes africanas e era mãe de santo. Ela tinha um terreiro de umbanda, de onde também retirava nosso sustento. De certa forma, isso era mais um estigma, pois as religiões de matrizes africanas, por conta do processo de colonização, eram vistas de forma muito preconceituosa. Lembro que, em um dia de festejo, no terreiro da mamãe, alguns evangélicos que passavam em frente de nossa casa se reuniram e jogaram sal e óleo ungido na minha mãe. Eles utilizavam palavras de baixo calão e diziam que ela era a mãe do diabo. Isso acabou na delegacia, onde foi registrado um boletim de ocorrência. Passados alguns anos, meu irmão Nilson sofreu um atentado a tiros e quase morreu. Foram momentos de terror, depois de 15 dias internado, ele recebeu alta, mas não retornou para casa, porque adquiriu síndrome do pânico. Somente depois de muita terapia, ele teve condições de voltar para a casa.

Alguns anos depois que meu pai foi embora, mamãe se juntou com outro marido, com quem teve mais dois filhos. No entanto, a vida com o novo parceiro não durou muito. Minha mãe ficou novamente sozinha, com mais dois filhos para criar. Meus irmãos se chamam: Neuzarina, Nilson, Nilza, Nei, Nilda, Nildo, Ivanildo e Ingrid. De toda essa prole, apenas eu consegui ingressar no ensino superior. Digo isto, não para diminuí-los diante de mim, mas porque são histórias como esta que ajudam a compor as estatísticas que tratam do acesso dos negros ao ensino e às universidades. Laurentino Gomes, no terceiro volume da trilogia *Escravidão*, mostra que: “Na educação, enquanto 22,2% da população branca têm doze anos de estudos ou mais, a taxa é de 9 % para a população negra. O índice de analfabetismo entre os negros em 2018 era 9,1%, mais do que o dobro entre os brancos” (GOMES, 2022, p. 394). O máximo que alguns dos meus irmãos conseguiram chegar foi no segundo ano do Ensino Médio.

Como minha mãe tinha nove bocas para alimentar, meus irmãos mais velhos trabalhavam para ajudá-la com as despesas de casa. Penso que é por isso que somos muito unidos, porque sempre ajudamos uns aos outros e sempre dividimos tudo. Mesmo com a ajuda dos meus irmãos, as coisas se tornaram cada vez mais difíceis, a alimentação ficava cada vez mais escassa. Diante disso, minha mãe teve que dividir seus filhos pelas casas dos parentes. Nós fomos morar com algumas tias. Com isso, as coisas não foram fáceis para nós, pois casa dos outros não é casa de mãe. Na casa dos outros éramos apenas o agregado, sem direito a reclamar e com dever de obedecer sempre.

Nessa divisão, aos 5 anos de idade, eu fui morar com uma tia-avó, tia da minha mãe, a quem passei a chamar de avó. Como a casa dessa avó era próximo, eu tinha oportunidade de sempre ir à casa da mamãe, ao menos para amenizar a saudade que sentia.

Lendo um capítulo da trilogia de Laurentino Gomes, intitulada *A escravidão*, citada anteriormente, consigo compreender melhor a origem das desigualdades em nosso país e minha própria condição social. No texto, ele mostra que o 13 de maio aboliu legalmente a escravidão, mas o Império não criou políticas de acolhimento para os ex-escravizados. Cito um trecho:

Aos poucos, porém, a dura realidade foi se impondo. Passadas as noites de festas e danças, os ex-escravos perceberam que não havia para onde ir. Ninguém lhes daria trabalho. Grupos famintos e esfarrapados continuaram a perambular, a esmolar de casa em casa, de fazenda em fazenda, em busca de comida e amparo. Outros se dirigiam aos centros de cidades e vilarejos, tentando encontrar algum amparo das autoridades — o que não aconteceu em lugar algum (GOMES, 2022, p. 382-383).

Diante dessa situação, os negros se viram obrigados a voltar para as fazendas dos antigos senhores e se submeter a continuar trabalhando nos mesmos locais, sob a mesmas condições, apenas em troca de um minguado salário.

Enquanto os negros foram abandonados à própria sorte, para os antigos proprietários, que se sentiam prejudicados com a abolição, o Estado ofereceu generosas linhas de crédito agrícola. Isso explica as desigualdades sociais entre negros e brancos e as injustiças sociais que persistem em nossa sociedade.

Para amenizar as agruras da nossa vida, principalmente causadas pela questão financeira, minha mãe, Maria Catarina Nascimento Machado, conhecida como tia Kátia, fundou, em 1992, quando eu tinha dois anos de idade, o Cordão Junino Pássaro Marreca. O cordão é uma “expressão cultural tradicional”, peculiar de Belém do Pará, caracterizada como um tipo de teatro musicado correlato à ópera, sendo que de natureza popular e

regionalista. Possui “raízes bem fincadas na cultura popular amazônica”, apesar do diálogo que estabelece com a cultura erudita (JORGE; AMARAL, 2005).

Mamãe criou o Pássaro Marreca a partir do refrão de uma música que ela viu em um livro de Estudos Sociais, da minha irmã Neuzarina. Minha mãe sempre teve uma criatividade gigante e criou um teatro popular com a ajuda das minhas tias. Elas criaram todas as músicas, as falas dos personagens. Além disso, elas mesmas ensaiavam as crianças.

Como não havia incentivos financeiros, minha própria mãe confeccionava os próprios figurinos, utilizando-se de sacas de açúcar e penas de galinhas, que eram lavadas e pintadas com tintol. Eu participei do cordão de pássaro desde pequena, atuando em vários personagens. Na época junina, a casa da mamãe ficava cheia de crianças e adolescentes. Todos ajudavam na organização da apresentação do pássaro junino no Festival do Camarão, festividade tradicional de Igarapé-Miri.

Feitas essas observações iniciais, nas próximas páginas, discorrerei sobre minha trajetória e história de luta de resistência para sair da condição subalternizada em que vivia até me tornar professora concursada pelo município de Igarapé-Miri e concluinte de graduação em Letras.

ANOS INICIAIS DE FORMAÇÃO

Comecei minha vida escolar em 1993, aos 3 anos, na Creche Maria Celis Castro de Miranda, que ficava próximo da minha casa. Lembro-me que era uma escola de grande porte, de alvenaria, com um pátio amplo. As salas de aula eram umas em frente das outras, e tinha uma área verde com campo de futebol. Havia 8 salas de aula, 1 cozinha, 3 banheiros, área verde, campo de futebol e um pátio grande. Para saciar a fome dos pequenos, a escola oferecia merenda. Minha primeira professora se chamava Valda Cabral. Nesta escola, estudei por três anos.

Nos anos de 1996 a 1999, estudei na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maranata, onde cursei as séries iniciais, de 1º até o 4º série. A escola tinha uma estrutura boa, com banheiros, salas, copa, quadra e pátio, as salas tinham ventiladores, a merenda era de boa qualidade, quando tinha. No entanto, existe o lado ruim, como sempre: às vezes faltava professores, merenda e materiais de limpeza.

Esta fase da minha vida foi marcada pela divisão que se operou em minha família, depois que minha mãe assumiu, forçada pelo abandono, a função de chefe de família. Como disse no tópico anterior, aos 5 anos de idade, passei a morar na casa de uma tia-

avó. Na condição de agregada, mesmo sendo apenas uma criança, eu tinha obrigação de desempenhar os serviços domésticos da casa. Eu nunca receberia “muito obrigado” pelos tempos em que trabalhei somente em troca de comida, sem receber salário.

O ENSINO FUNDAMENTAL – DA QUINTA À OITAVA SÉRIE

Ingressei na quinta série no ano 2000, na escola Aristóteles Emiliano de Castro. No que se refere à estrutura, a escola era boa em partes: havia coisas boas e coisas ruins. Relativamente aos aspectos positivos, a escola contava com um quadro de bons professores, dentre os quais o professor Elvis Nunes. Eu gosto de história porque este professor foi um anjo em minha vida e me ajudou até comprar meu uniforme, pois mamãe não tinha condições de comprar.

No que se refere aos aspectos materiais, na escola havia quadra para esportes, salas, banheiros, diretoria e um portão grande na entrada. Era pintada com as cores do município e havia também árvores de açaí plantadas no local. No aspecto cultural, guardo na memória as festas juninas e as apresentações do dia do índio. Para mim, as melhores. Nestes eventos tínhamos a oportunidade de participar de várias apresentações de dança e teatro.

No que se refere aos aspectos negativos, a escola era um pouco quente e quando chovia tinha muitas goteiras. Algumas vezes, nós saímos cedo, porque não tinha merenda. Além disso, não havia biblioteca e nem um dos professores desenvolviam projetos, nos quais os alunos pudessem se envolver.

Cursei todo o ensino fundamental nesta escola e me identifiquei com as disciplinas de língua portuguesa, história, artes, religião e estudos amazônicos.

Em relação à vida pessoal, o episódio marcante, que mudaria minha vida para sempre, foi minha primeira gravidez, aos 15 anos de idade, período em que eu morava na casa de minha tia-avó. Embora eu já desempenhasse as tarefas domésticas, como uma forma de pagar pela comida e moradia, eu precisava arranjar uma função remunerada, pois minha “benfeitora” não alimentaria duas bocas. Foi assim que me tornei vendedora de rosquinhas caseiras. Ela fazia e eu vendia nas ruas. Além disso, trabalhei como doméstica, lavadeira de roupa, diarista, garçonne e babá.

Minha tia-avó morava sozinha. Por esse motivo, mamãe me deu para ela. Não tinha marido, mas tinha uma filha e criou os dois netos, registrados em cartório como filhos. Depois que eles cresceram, foram morar em Belém. Eu não mantinha uma boa relação com eles, pois quando vinham de Belém, reclamavam de tudo e eram metidos.

Eu me sentia humilhada, pois eles sempre deixavam claro que eu não tinha nada naquela casa. Tanto assim que eles venderam o imóvel, sem que eu soubesse. A mim, disseram que iriam levar a mãe para realizar consultas em Belém, de onde ela não retornou, passado um mês. Em certa manhã, quando me acordei, fui surpreendida por um homem, que comunicou ser o novo proprietário do imóvel, do qual eu deveria me retirar. Sem ter onde morar e com uma filha pequena, a solução foi voltar para a casa da minha mãe.

INGRESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Ingressei no Ensino Médio em 2010, aos vinte anos de idade. Estudei todo esse nível na Escola Enedina Sampaio Melo. No mesmo ano de ingresso, aconteceram muitas coisas que dificultaram a minha permanência na escola. Por isso, tive que abandonar os meus estudos, só retornado no ano seguinte. O primeiro ano do Ensino Médio eu cursei no vespertino e os demais no noturno. A escola ficava longe de minha casa e eu me deslocava sozinha todos os dias, pois não tinha companhia. Diferentemente da escola em que cursei o Ensino Fundamental, nesta os professores desenvolviam projetos, porém, no diurno. Por essa razão, eu nunca pude participar, já que estudava no noturno.

Nesta escola, tive o privilégio de ser aluna do professor Antônio Marcos, que marcou a minha vida de uma forma positiva, e de quem gosto muito. Na formatura, ele foi meu paraninfo e, quando me casei, convidei-o para ser meu padrinho, pois é um ser humano incrível e humilde.

Como já disse, engravidei aos 15 anos. Fui extremamente julgada e humilhada, mas, com a ajuda da minha mãe, consegui ter e criar a minha filha. Quando ela estava com dois aninhos, eu conheci um rapaz e depois de dois meses, fomos morar juntos. Este rapaz é meu esposo, que assumiu a paternidade de minha filha. Ela é registrada no nome dele, pois o pai biológico se recusou a registrar. Juntos, construímos uma relação de companheirismo, humildade e amor, e tivemos uma segunda filha. Ele é o pai, o marido e o amigo que Deus colocou no meu caminho, quando tudo parecia perdido.

O TÉRMINO DO ENSINO MÉDIO E OS PLANOS PARA O FUTURO

Concluí o Ensino Médio em 2014. Logo em seguida, tentei ingressar na Universidade pública por meio do ENEM, duas vezes. Como não consegui, decidi estudar em uma instituição particular. Foi assim que, em 2017, me matriculei no curso de Pedagogia na faculdade Miriense. O tempo já havia passado e as crianças de tia Kátia já haviam se tornado adultos responsáveis por seu próprio sustento. Assim, minha mãe teve

condições de me ajudar financeiramente, com o pagamento das mensalidades da faculdade.

No entanto, o ano terminaria amargo para mim, pois em 12 de novembro, minha mãe faleceu, interrompendo a tradição de apresentações do Cordão Junino Pássaro Marreca, por ela criando em 1992, apresentações das quais eu sempre participei, e me deixando desamparada da ajuda financeira para pagar a mensalidade da faculdade. Com muito esforço, consegui concluir o curso em 2021.

Em 2020, por influência dos meus primos Agnaldo e Regiane, me inscrevi no Enem e nos Processos Seletivos de duas universidades. Aliás, foi a própria Regiane, que sempre soube do meu sonho de ingressar numa universidade pública, que realizou minha inscrição para concorrer em uma vaga na Universidade Federal do Pará e na Universidade do Estado do Pará. Obtive aprovação nas duas, mas, por uma necessidade pessoal, optei pela federal, já que o curso era intervalar. No entanto, junto com a aprovação veio uma frustração: pedi que ela me inscrevesse no curso de Serviço Social, mas, por engano, ela me inscreveu no curso de Letras.

Quando ingressei na Universidade, eu já tinha minhas duas filhas. Para ganharmos o sustento, meu esposo trabalhava na feira e eu fazia diárias de limpeza, na casa das pessoas que me contratavam. Na época, eu cobrava R\$70,00 reais pela diária. Nos dias em que eu não fazia faxina, lavava roupas para uma amiga. Além disso, ganhava uma grana com a venda de doces e salgados, pois havia aprendido a fazer com minha mãe e minhas tias.

Segundo Cida Bento, em *O pacto da branquitude* (2022), “o trabalho de doméstica remonta [...] a um espaço social que atravessa os séculos e bebe à fonte da escravidão. Mulheres negras responsáveis por cuidar, limpar e alimentar um lar” (BENTO, 2022, p. 80). Segundo estatísticas, no ano de 2018, “6,2 milhões de pessoas no país tinham como ocupação o serviço doméstico remunerado”. Desse total, 68% eram “mulheres negras, cujo perfil é de baixa escolaridade e de origem familiar de baixa renda” (80-81). Sem que eu conhecesse a pesquisa dessa estudiosa, eu fazia parte das estatísticas e estava lutando para delas sair.

O INGRESSO NA UNIVERSIDADE

14 de abril de 2021 é uma data especial porque foi nesse dia que saiu o resultado do Processo Seletivo da Universidade Federal do Pará. A portadora da notícia foi minha prima Regiane, a mesma que havia feito minha inscrição, que foi em minha casa me

avisar. A sensação que tive foi a de que tudo é no tempo de Deus e que Ele me ama muito. Uma grande alegria tomou conta de mim. O ano de 2021 também é importante para minha vida porque marca a retomada das apresentações do Cordão Junino Pássaro Marreca, interrompidas desde 2017, com o falecimento da minha mãe. Sob minha direção, com a ajuda do meu primo Agnaldo, e com recursos próprios, conseguimos retomar a tradição por ela iniciada. Depois, passamos a contar com o apoio do meu amigo Railson Wallace, que através das políticas públicas para a cultura, como a lei Aldir Blanc e a lei Paulo Gustavo, nos auxiliou com a inscrição de um projeto, por meio do qual conseguimos auxílio financeiro para o fortalecimento do cordão.

Meu ingresso na universidade se deu pelo sistema de cotas. As políticas de ação afirmativa tiveram início no começo do milênio, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), em 2001, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2002, e na Universidade de Brasília (UnB), em 2003, segundo Joaze Bernardino-Costa, professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Na Universidade Federal do Pará, a política de ações afirmativas, com o intuito de enfrentar a desigualdade no acesso aos seus cursos, assim como a discriminação e a exclusão, foi adotada em 2005, por meio da Resolução 3.361, do Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão – CONSEPE –, que estabeleceu cotas para egressos de escolas públicas e, dentre esses egressos, cotas para discentes negros.

Para realizar minha matrícula, que deveria ser feita on-line, Regiane, mais uma vez, entrou em cena para me ajudar, pois eu não possuía celular nem internet na minha casa. Barreiras também eu enfrentei no início das aulas, que estavam acontecendo remotamente, por conta da pandemia. Como eu dispunha de um aparelho de celular, não pude participar da primeira disciplina. Minha prima chegou a entrar em contato com a professora Ray Duarte, mas, sob o argumento de que já havia se passado dois dias do início da disciplina, a professora não permitiu que entrasse na sala virtual. A partir da segunda disciplina, ministrada pelo professor Josiclei, eu consegui estudar porque minha prima me emprestou seu aparelho de celular.

Por conta dessas questões, o ensino remoto foi, para mim, um desafio muito grande e, ao mesmo tempo, frustrante, porque eu não tinha condição de comprar um telefone celular, o que só ocorreu no final de 2021, com muito custo. Ainda assim, enfrentei problemas com os dados móveis, emprestados da minha prima, que caíam com muita frequência.

Como estou falando de um momento da pandemia, que matou milhões de pessoas por dia, relato aqui a morte de minha tia Maria, a pessoa que mais me incentivou estudar para ter um futuro melhor. Sua partida me deixou muito abalada e com medo de tudo. Eu também cheguei a pegar covid, mas sem risco de morte. Nem fui hospitalizada.

Com a descoberta da vacina e a gradativa imunização da população, o ensino voltou para o presencial. No primeiro dia aula, tive dificuldade em chegar ao polo Universitário, pois não sabia que em Barcarena, as pessoas usam o substantivo van para se referir ao ônibus. Isso me atrapalhou, porque eu ficava no ponto esperando a van, que nunca passava. Por conta disso, cheguei atrasada na aula, me apresentei e a professora perguntou por que escolhi este curso.

Como o curso ocorre no período intervalar, nos meses de janeiro/fevereiro e julho/agosto, eu precisava me deslocar da minha cidade para Barcarena. Para tanto, pude contar com o apoio incondicional do meu marido, que tomava conta de minhas filhas, a mais velha com 16 anos e a mais nova com 11. Além delas, há meu sobrinho Flávio, cuja responsabilidade de mãe eu havia assumido. Ele estava também com 16 anos.

Considerando minha condição social, para me manter na instituição, recorri à política de assistência da instituição, coordenada pela Superintendência de Assistência Estudantil (SAEST), vinculada ao Gabinete da Reitoria. O objetivo da assistência “é criar condições de acesso e aproveitamento pleno da formação acadêmica para os discentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, por meio da concessão de subsídios diretos (financeiros), denominados de auxílios” (PDI, 2016-2025, p. 127).

No que se refere à minha afinidade com a grade curricular, das disciplinas da área de Linguística, destaco Fundamentos da Linguística, ministrada pela professora Rosângela Nogueira, que fez a diferença na sua metodologia ao explicar o conteúdo e mostrou-se muito humilde e humana.

Da área de Literatura, destaco História da Leitura e Formação do Leitor, disciplina optativa ministrada pelo professor Esequiel Gomes. Este professor tem uma didática diferenciada e tem amor por sua profissão. Isso é um exemplo para nós que queremos seguir carreira na docência. Nesta disciplina eu aprendi que para ensinar não precisamos estar dentro de uma sala de aula, mas sim em todo os lugares, é lugar de aprendizagem.

Das disciplinas que não gostei, destaco Gramática Latina, pois não me identifiquei com os conteúdos explicados.

Em relação aos estágios, o Estágio I: Observação no Ensino Fundamental, realizei na Escola Municipal de ensino fundamental Perciliano Tourão Corrêa, acolhida

professora Joana Darc Barbosa, que também me acolheu no Estágio II: regência no Ensino Fundamental. Na minha regência, ministrei o conteúdo sobre Objeto Direto e Indireto e atividade sobre o assunto relacionado.

O Estágio II: Observação no Ensino Médio, eu realizei na Escola Estadual Enedina Sampaio Melo, com as professoras Aldenora Venâncio e Aurora Pantoja. Na mesma instituição também realizei o Estágio IV: Regência no Ensino Médio, acolhida pela professora Aldenora Venâncio. Na minha regência, ministrei Leitura e Produção textual, com o conto “O relógio de ouro”, de Machado de Assis.

Passados quatro anos, chegando ao fim da graduação, faço uma reflexão e considero que valeu a pena a experiência e o sacrifício de deixar minha casa, minha família, os bens mais preciosos que eu tenho, e me deslocar até um município diferente da minha realidade, mesmo passando por muitas dificuldades.

Minha caminhada, como bisneta de escravizados, ex-trabalhadora doméstica, hoje professora concursada do município de Igarapé-Miri, e agora licenciada em Letras pela UFPA, representa não apenas uma conquista pessoal, mas também uma forma de resistência diante de uma sociedade em que o racismo e o sexismo ainda fazem parte do cotidiano. É importante registrar que o ciclo de rupturas iniciado por mim, mulher negra e pobre que conseguiu ingressar na universidade pública, continua com minha filha primogênita Iasmin, que foi aprovada no curso de Letras/Espanhol, da Universidade Federal do Pará, *Campus* de Abaetetuba, e começará a estudar em 24 de agosto. A educação realmente transforma vidas. Sou a prova disso.

Meu marido foi o meu maior incentivador nessa jornada. Se hoje estou concluindo esta segunda graduação, é graças a Deus e a ele. Quando eu pensava em desistir, conversava com ele, que me pedia para ter calma. Argumentava que se eu desistisse, poderia me arrepender depois.

A minha alegria se completa com a continuidade do Cordão Junino Pássaro Marreca, que hoje, contando com apoio financeiro das leis de incentivo à cultura, volta a ser apresentar nos festivais e programações juninas do nosso município. Sinto-me muito orgulhosa de poder manter e preservar a memória de minha mãe, Maria Catarina Nascimento Machado, que foi mãe, amiga, mulher admirada e que contribuiu com a cultura de um município inteiro. Ainda na questão cultural, meu irmão Nilson, de 46 anos, o mesmo que sofreu uma tentativa de assassinato e passou 15 dias internado, é “Tatetu-de-Inquice”, expressão usada para designar o Pai-de-Santo ou zelador de inquice, o sacerdote máximo responsável por um terreiro de Nação Angola ou de candomblé, de

onde ele retira seu sustento diário, além de dar continuidade à tradição iniciada por nossa mãe. Somos resistência!!!

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Política afirmativa, democratização do acesso à universidade e propostas de avaliação**. Revista Ciência e Cultura.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: da Independência do Brasil à Lei Áurea**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.

JORGE, Sâmela; AMARAL, Paulo Murilo Guerreiro do. **Mudança e continuidade no Pássaro Junino de Belém do Pará**, 2025.